

Para França redução voluntária é primordial

O ministro francês lembrou a todos que o Clube de Paris — que concentra a dívida dos latinos com governos e não instituições privadas — tem feito avanços consideráveis no reescalonamento das dívidas.

“Desde janeiro de 1983 foram reescalonados US\$ 88 bilhões e a cada ano cerca de US\$ 14 bilhões são reescalonados. Estamos fazendo muito mais que o Fundo Monetário Internacional (FMI) e o Banco Mundial (BIRD) juntos. Os governos estão reescalando créditos e trabalhando com garantias de exportação”, disparou Trichet.

De acordo com o ministro da França, agora existe consenso de que é necessário redução voluntária de parte da dívida e que este assunto é primordial. No entanto, lembrou, em setembro de 1988, o presidente Mitterrand já disse isso em Nova York. Mitterrand enumerou que era vital o corte da dívida; a redução voluntária; um elemento catalisador que desse garantias, que poderiam ser feitas por Direitos Especiais de Saque (DES), do FMI.

“Pelo menos duas idéias de Mitterrand estão sendo consideradas agora. Nós continuaremos seguindo esta orientação”, afirmou.

Trichet reforçou que “todas as opções para redução da dívida devem ser bem analisadas, não se sai por aí colocando qualquer medida em prática. precisamos fazer tudo pelo melhor preço. Existe a necessidade de novos créditos dos bancos e é urgente que a colaboração para o crescimento dos países seja espontânea”.

“Estamos vivendo um momento muito perigoso. Não menos que em 1982”, acredita Trichet. “Estamos vivendo numa economia global e temos problemas com juros elevados que geram desequilíbrios sensíveis”, avançou.

Interpretado como um recado direto aos Estados

Unidos, Trichet avisou que “os países devem reduzir seu déficit, não apenas os endividados, os investimentos devem ser mais seletivos e lembrar sempre que vivemos numa economia global”.

Pegando literalmente uma carona no discurso enfático de Trichet, William Rhodes, do Citibank, foi logo dizendo que “redução voluntária de dívida não é assunto novo. Nós introduzimos no México em 1984. Em seguida, na Argentina, lançando os ‘exit bonds’ (bônus de saída). Depois veio o Brasil, que também prova que pacote de dinheiro novo não é um problema impossível de solução, na medida em que conseguiu obter recursos da ordem de US\$ 5,2 bilhões dos bancos comerciais e tem adotado mecanismos de redução de dívida como emissão de bônus de saída e conversão em capital de risco”.

Rhodes, grande conhecedor do Brasil e sua economia, pois administra o comitê de assessoramento da dívida do País, explicou que os bônus de saída tiveram maior sucesso no Brasil, que reduziu sua dívida em US\$ 1,1 bilhão, que foram subscritos por cerca de cem bancos. Eles teriam sido mais bem negociados se as “janelas continuassem abertas”.

Resumindo, Rhodes relacionou: o Chile já cortou sua dívida em 35% com conversões. O México cortou em US\$ 5 bilhões e o Brasil em US\$ 6 bilhões.

Finalizando, Rhodes lembrou que os credores, governos e multilaterais devem ajudar no processo de redução de dívidas.

O brasileiro Mario Henrique Simonsen, ex-ministro da Fazenda, em pronunciamento rápido insistiu que “a situação só muda se aumentar o volume de empréstimos de agências oficiais ou pelos saques com DES, ou ajuda do BID, BIRD, FMI e fundos do Japão”.